

**SOCIEDADE DE ENSINO SUPERIOR AMADEUS –SESA
FACULDADE AMADEUS- FAMA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA**

VALDINEIA GONÇALVES DE SOUZA

**MÚSICA COMO MÉTODO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DE CRIANÇAS COM
SÍNDROME DE DOWN**

**Aracaju - SE
2018.1**

VALDINEIA GONÇALVES DE SOUZA

**MÚSICA COMO MÉTODO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DE CRIANÇAS COM
SÍNDROME DE DOWN**

Artigo Científico apresentado à Faculdade Amadeus como Trabalho de Conclusão de Curso e requisito básico para obtenção do título de Licenciada em pedagogia.

Orientadora: Msc. Carla Daniela Khon

**Aracaju – SE
2018.1**

MÚSICA COMO MÉTODO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DE CRIANÇAS COM SÍNDROME DE DOWN

* Valdineia Gonçalves de Souza¹

RESUMO

O presente estudo pretendeu abordar de forma significativa a musicalização como estratégia de ensino para crianças com Síndrome de Down, na perspectiva de incentivar o uso da mesma como recurso em sala de aula, pois sabemos que por meio da música a criança sente-se à vontade para extravasar seus medos. Dentro desse contexto questionaram-se quais são os benefícios que a utilização da música como estratégia de ensino pode trazer para o desenvolvimento cognitivo de crianças com Síndrome de Down? Nesse sentido, a presente pesquisa teve como objetivos: analisar a importância da musicalização como forma de ensino e aprendizagem de crianças com Síndrome de Down, bem como desenvolver a socialização de crianças com a síndrome por meio da música, além de possibilitar a igualdade entre as crianças no espaço escolar por meio da musicalização. Os procedimentos metodológicos foram pautados e interpretados com base em uma pesquisa qualitativa, onde fundamentei meu pensamento em alguns teóricos, como Nicolau e Lúcia, Gil, Mateiro, Parâmetros Curriculares, Mantoan, Vygotsky, entre outros, para alcançar um maior reconhecimento bibliográfico e teórico, seguido de um estudo de caso desenvolvido no município de Nossa Senhora do Socorro/SE, por meio de um questionário, que foi aplicado junto a duas profissionais distintas sendo que uma trabalha em uma instituição filantrópica, outra numa rede pública de ensino. Os resultados da pesquisa apontam que a música pode servir como fio condutor no processo de ensino e aprendizagem de crianças com SD e, sobretudo que a melodia propicia um ambiente de interação.

Palavras-chave: Aprendizagem, Musicalização, Socialização.

ABSTRACT

This article aims to analyze the importance of musicalization as a way of teaching and learning of children with Down Syndrome, as well as to develop the socialization and interaction of children with the syndrome through music, as well as to enable equality among children in the school space.

We also questioned what are the benefits that the use of music as a teaching strategy can bring to the cognitive development of children with Down syndrome. The methodological procedures were based and interpreted on the basis of a qualitative research, where I founded my thinking on some theoreticians, such as Nicolau and Lúcia, Gil, Mateiro, Curricular Parameters, Mantoan, Vygotsky, among others, to achieve a greater bibliographic and theoretical recognition, doing a study of case by means of a questionnaire, which was applied to two distinct professionals, one of whom works in a philanthropic institution, another in a public education network

• Graduanda em licenciatura pedagogia pela Faculdade Amadeus. Email: val_mary@hotmail.com

located in the municipality of Nossa Senhora do Socorro. From a perspective of obtaining results of the research, where it points out if the music can serve as a guiding thread in the teaching and learning process of children with SD, and especially if the melody provides an environment of interaction.

Key-words: Learning, Music, Socialization.

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo pretendeu abordar de forma significativa a musicalização como estratégia de ensino para crianças com Síndrome de Down, na perspectiva de incentivar o uso da mesma como recurso em sala de aula, pois sabemos que por meio da música a criança sente-se à vontade para extravasar seus medos.

Segundo Ferreira (2002. p. 17) “a música além de ser arte de combinar os sons, é uma maneira de exprimir-se e interagir com o outro, e assim devemos compreendê-la”.

A música pode ser usada como um instrumento facilitador para o educador trabalhar em sala de aula. Ferreira (2002. p.11) enfatiza dizendo que “o professor deve usar a música para ensinar, e nunca para atormentar.”

Dentro deste contexto questionou-se quais são os benefícios que a utilização da música como estratégia de ensino pode trazer para o desenvolvimento cognitivo de crianças com Síndrome de Down?

Silva e Kleinhans (apud Ravagnani 2009. p.18) ressaltam que a criança com Síndrome de Down tem uma maneira própria de desenvolver - se, ou seja, cada indivíduo possui uma maneira específica de aprendizado. Fazendo uso das palavras de LIMA, BISSOTO, (apud Havagnani 2009.p.18) “o desenvolvimento das crianças com SD não é determinado pelo grau ou pelo cariótipo da síndrome, mas é resultante de alguns fatores [...] estimulação, influências sociais, culturais, genéticas.” Dessa forma percebe-se que a influência familiar é importante para desenvolver as potencialidades do sujeito com SD.

Nesse sentido, o presente artigo tem como objetivos: analisar a importância da musicalização como forma de ensino e aprendizagem de crianças com Síndrome de Down, bem como desenvolver a socialização de crianças com a síndrome por meio da música, além de possibilitar a igualdade entre as crianças no espaço escolar por meio da musicalização.

Justifica-se a escolha dessa temática sobre a música como estratégia de ensino e aprendizagem de crianças com Síndrome de Down, por que a música é uma linguagem que comunica e expressa ações e sentidos.

Também acredita-se que possa ser usada como recurso educativo na educação de crianças com necessidades especiais, inclusive com Síndrome de Down. Pois a música pode servir como suporte para atender há vários propósitos, como formação de hábitos e memorização de conteúdo relativo a números, letras do alfabeto, entre outros conteúdos representados em canções.

Os procedimentos metodológicos foram pautados em uma pesquisa qualitativa, que segundo Chizzotti (2003) é um tipo de pesquisa que exige um conhecimento da vida, procura compreender o outro em sua essência e busca novas metodologias nas ciências para desenvolver uma nova perspectiva para a investigação dos fatos humanos.

Além disso, o ser humano é capaz de colocar suas interpretações em suas relações, ou seja, ele age como um ser reflexivo.

Podemos “partir do princípio de que esse tipo de pesquisa trabalha com informação coletada pelo pesquisador, e não é expressa em números, ou então, os números e as conclusões[...] representam um papel de menor análise”. (Dalfovo 2008, p. 09).

Por isso Gil (2002) enfatiza dizendo que existe recomendações acerca dos cuidados que devem tomar os pesquisadores para que a interpretação não comprometa o resultado da pesquisa.

Dessa forma utilizei como procedimento metodológico a pesquisa bibliográfica com os autores, Chizzotti, Nicolau, Mateiro, Ferreira, Vygotsky, dentre outros para aprofundamento da temática, seguida de um estudo de caso feito com a aluna H, posteriormente uma entrevista com a psicopedagoga R. K, em uma escola localizada no município de Nossa Senhora do Socorro Sergipe. E para aprofundar ainda mais o estudo, entrevistei uma professora de música, em uma instituição filantrópica, também localizada no município de Nossa senhora do Socorro, e por questões éticas não poderei citá-las, onde as mesmas utilizam-se da música como recurso para trabalhar com crianças especiais. Também busquei fazer a junção dos dados coletados das profissionais e associar a vivência de sala de aula.

Logo depois analisei os dados coletados para a consecução do meu trabalho. (Gil 2002. p.141) enfatiza dizendo que “O mais importante na análise e interpretação de dados no estudo de caso é a preservação da totalidade da unidade social”. Ou seja, o investigador deve transcrever todas as informações sem expor suas conclusões. Essa pesquisa é importante pelas informações que nela apresentam sobre a música como recurso de ensino para crianças com SD.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 A Música como forma de Comunicação

O ser humano é um dos poucos animais que se deixa influenciar por sons e ruídos que os cercam, sendo assim fica evidente que a música pode estar diretamente ligada ao desenvolvimento humano. Segundo o (BRASIL, 1998, p.45) “a música é a linguagem que se traduz em formas sonoras e é capaz de comunicar e expressar sensações [...] por meio da organização e relacionamento expressivo entre o som e o silêncio”.

Partindo do pressuposto de que a música é uma das formas de comunicação, interação e socialização entre o indivíduo e o meio, fica nítido que o som pode ser usado como forma de desenvolvimento e aprendizagem de crianças com Síndrome de Down. Sabemos que a musicalização faz parte da educação desde os primórdios, sendo que, já na Grécia antiga a música era vista como indispensável para a formação de pessoas. (BRASIL, 1998).

Conforme Nicolau, “Os estímulos sonoros do ambiente que nos cercam são intensos e a criança desde seus primeiros anos de vida, já reage a eles mediante balbucios, gritos e movimentos corporais”. A partir desse momento a música torna-se uma das múltiplas formas de comunicação, já que ela possui um caráter lúdico para ser trabalhada com crianças consideradas “normais” ou “excepcionais”. Assim as crianças com Síndrome de Down “podem ser seduzidas pela música que se torna um valioso recurso para a aprendizagem em geral”. (Nicolau 2001. p.162)

E ainda para enfatizar, Brito, 1998 (apud Ravagnani 2009) a musicalização além de promover a socialização também promove a integração do sujeito ao meio, assim a música pode propiciar experiências mais significativas.

Dalcroze 2001 (apud Mateiro e Ilari et. al, 2011 p.29) contribui dizendo que a música retirou o aluno da educação “livresca”, onde o sujeito estava submetido a fazê-lo participar de uma série de exercícios que demandam atuação física, tendo o corpo como objeto de expressão de uma representação dos elementos da música. E através dos movimentos corporais, o aluno passa a experimentar sensações [...]abrindo caminhos para a criatividade e expressão.

Também vale ressaltar que a música é uma das mais eficientes ferramentas para o desenvolvimento humano. Ouvir música, aprender uma canção, [...] são atividades que despertam, estimulam[...] além de atenderem as necessidades de expressão que passam pela esfera afetiva, estética e cognitiva. (Brasil 1998, p.48). Por isso dizemos que a música possibilita a ampliação das dimensões e dos objetivos da aprendizagem. Segundo (Brasil 1998.p.48), a musicalização oferece condições para desenvolvimento de habilidades e formulação de hipóteses e na elaboração de conceitos.

Ferreira (2002, p.9) diz que “é difícil encontrar alguma pessoa que não aprecie algum tipo de som[...] muitas vezes é mais eficaz perpetuar um pensamento transmitido pelo canto que pela escrita”.

Desse modo, a música é considerada a forma mais ampla de expressão do sujeito com SD, tornando-se importante para que aconteça o desenvolvimento cognitivo e sócio- afetivo. Já que para Vygotsky 1989 (apud Ravagnani 2009) “é pelo convívio com o outro que o ser humano se integra, estabelecendo um vínculo e uma comunicação com os demais indivíduos, construindo valores e significados”.

Portanto, evidencia-se a necessidade de inserir as crianças com necessidades especiais, (SD) no âmbito escolar regular, já que os mesmos possuem capacidades de aprendizado igual as consideradas normais, já que todo sujeito possui especificidades diferentes, mas não significa que ele não seja capaz de aprender, e uma das maneiras mais prazerosas é a forma lúdica, onde torna a aprendizagem mais significativa e menos massacrante.

2.2 Síndrome de Down e suas principais características

Muito tem se falado e especulado sobre Síndrome de Down, sobre o seu desenvolvimento cognitivo, sobre sua relação com o meio. Como surgiu e o porquê da síndrome. Segundo Shwartzman,2003; Werneck,1993 (apud Ravagnani 2009.p.18) a SD data por volta do século XIX, mas existe rumores que mesmo antes disso, já existia essa anomalia na espécie humana.

O médico inglês Langdon Down, em 1864, lhe deu a caracterização de “mongolismo” pelo fato desse grupo de pessoas apresentarem semelhança com pessoas de etnia mongol. Destaca-se hoje em dia por ser considerada a síndrome mais frequente em humanos.

Segundo Pueschel, 1993 Schwartzman 2003 (apud Ravagnani, 2009) a Síndrome de Down decorre de um acidente genético no momento ou após a concepção. Também um fator importante é a idade avançada da mãe. Ou seja, quanto mais idade avançada for da mulher mais chances de ter um filho com a síndrome.

A síndrome de Down ou Trissomia 21, resulta de um distúrbio da divisão dos cromossomos que influencia regularmente a formação do corpo das crianças afetadas. Explica-se, assim, por que as crianças Down possuem tantas características em comum e até são um pouco parecidas entre si. Estas características são geralmente típicas e, por isto, desde o nascimento, as dúvidas quanto ao diagnóstico das crianças com síndrome de Down são mínimas. Algumas delas apresentam outras características, porém possuem muitas ou todas atípicas. (Ravagnani 2009, p. 18)

Ainda de acordo com Castro, Pimentel (2009) as crianças com Síndrome de Down possuem diversas características, onde essas particularidades são visíveis, a exemplo da aparência arredondada da cabeça, pálpebras estreitas e levemente oblíquas, boca pequena podendo-se projetar um pouco a língua, pescoço curto, mãos e pés pequenos e grossos.

Com relação ao desenvolvimento cognitivo da criança com SD, segundo Pueschel, 1993 (apud Ravagnani 2009, p.19), “o retardo mental é apontado como sendo um dos principais fatores no atraso do desenvolvimento das crianças com a síndrome”. Porém não significa que esse retardo seja considerado empecilho para a aprendizagem e inserção desse sujeito na escola. Por isso é importante a inclusão do sujeito com SD no âmbito escolar desde cedo, para que ele desenvolva suas capacidades, e posteriormente apresente menor dificuldade no futuro, em razão disso é preciso que haja um acompanhamento familiar e profissional para um pleno desenvolvimento do aprendizado dessa criança. Um outro fator relevante é que ao ser inserido a criança seja bem aceita, pois ela não pode sentir-se diferente ou excluída das demais, esse é o propósito da educação inclusiva.

Conforme frisa (BRASIL, 1998. p.33)

Considerar que as crianças são diferentes entre si, implica propiciar uma educação baseada em condições de aprendizagem que respeitem suas necessidades e ritmos individuais, visando a ampliar e a enriquecer as capacidades de cada criança, considerando-as como pessoas singulares e com características próprias. Individualizar a educação infantil, ao contrário do que se poderia supor, não é marcar e estigmatizar as crianças pelo que diferem, mas levar em conta suas singularidades, respeitando-as e valorizando-as como fator de enriquecimento pessoal e cultural.

Diante do novo modelo social, a educação inclusiva é parte integrante e busca o favorecimento de uma a educação para todos.

De acordo com Mantoan (2003, p. 19) [...] “a inclusão é produto de uma educação plural, democrática e transgressora, ou seja, o aluno da escola inclusiva é outro sujeito, que não tem uma identidade fixada em modelos ideais, permanentes, essenciais”.

2.3 Síndrome de Down e a Inclusão

Falar em inclusão é algo que nos leva a uma reflexão sobre o que realmente é incluir. Sabemos que ainda há uma necessidade de reestruturar a escola brasileira e isso representa um enorme desafio frente a complexidade dos fatos, pois mesmo diante de grandes avanços, ainda existe uma massa resistente ao que está acontecendo, no entanto, existem professores que acreditam não ser interessante fazer a junção de crianças ditas “normais” com as consideradas “anormais”, porque além de sentirem-se despreparados para criar recursos para trabalhar com essas crianças, eles acreditam que necessitam de alguém que os auxiliem, porque existem muitas adversidades nas salas de aula, e isso faz com que o professor muitas vezes sinta-se incapaz. Mantoan (2003) diz que a inclusão pegou as escolas despreparadas, mas quando o professor entender que incluir é não deixar nenhuma criança sem a devida atenção, então é a partir desse momento que a inclusão realmente irá acontecer. Por um lado, está o professor com suas inquietações em relação à inserção de alunos com necessidades especiais. Por outro, está a família que por sua vez exige os mesmos direitos que os demais para seus filhos, acreditando que a aprendizagem pode acontecer por meio da interação com outro, e isso é algo a ser pensado.

A teoria Vygostkyana, afirma que apesar dos ritmos diferenciados de aprendizagem, a inclusão constitui-se um fator positivo, pois a troca de experiência com seus pares favorece a apropriação de conhecimentos e pela interação que estes são historicamente construídos. WYGOTSKY (1989).

Dessa forma, a principal ideia de inclusão está pautada no respeito a todos os educandos, ou seja, todos tem os mesmos direitos a uma educação de qualidade, porém os sistemas brasileiros precisam rever suas técnicas para atender a essas necessidades.

De acordo com Constituição de 1988 e na Lei de Diretrizes e Bases da Educação 9394/96, sendo um dever do Estado e da família promovê-la. A finalidade da educação é o pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para a cidadania e sua qualificação para o trabalho. Ainda, garante a educação para todos e isso significa que é para todos mesmo e, para atingir o pleno desenvolvimento humano e o preparo para a cidadania, entende-se que essa educação não pode se realizar em ambientes segregados. Ou seja, o sujeito não pode sentir-se isolado ou excluído em momento algum.

Ainda enfatiza Goffredo, 1999 (apud Rogalsk, 2010.p.8) dizendo que as linhas mestras estabelecidas pela constituição foram regulamentadas em seus mínimos detalhes pela nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira, Lei Nº 9394/96. No Brasil, até a década de 50, praticamente não se falava em Educação Especial. Foi a partir de 1970, que a educação especial passou a ser discutida, tornando-se preocupação dos governos com a criação de instituições públicas e privadas, órgãos normativos federais e estaduais e de classes especial. (Rogalski, 2010, p.2)

Apesar de existir políticas brasileiras nessa área a serem consideradas as mais avançadas do mundo, ainda há muitos desafios a serem superados. Sabemos que as escolas estão cada vez mais tentando adaptar -se a esta realidade. Por isso os professores estão buscando novas formas de incluir o ensino para crianças com necessidade especial, e uma das formas mais fáceis para que haja a adaptação dessas crianças no âmbito escolar é por meio da ludicidade, onde a criança libera seus medos e busca socializar-se com seus pares.

Também cabe ao educador buscar individualizar situações propiciando uma aprendizagem significativa. Por isso, o RCNEI ressalta que:

[...] às crianças, considerando suas capacidades afetivas, emocionais, sociais e cognitivas, assim como os conhecimentos que possuem dos mais diferentes assuntos e suas origens socioculturais diversas. Isso significa que o professor deve planejar e oferecer uma gama variada de experiências que responda, simultaneamente, às demandas do grupo e às individualidades de cada criança.

Considerar que as crianças são diferentes entre si, implica propiciar uma educação baseada em condições de aprendizagem que respeitem suas necessidades e ritmos individuais, visando a ampliar e a enriquecer as capacidades de cada criança, considerando-as como pessoas singulares e com características próprias.

(BRASIL, 1998, p.32,33)

Diante disso, percebemos que o sujeito ao ser inserido ao meio ele irá desenvolver-se junto aos demais, mesmo que essa criança possua uma limitação. Pois sabemos que é por meio do convívio que o sujeito se desenvolve e aprende.

Segundo Vygotsky (apud BRASIL,1998. p.32) essas interações promovem avanços naquilo que a criança é capaz de realizar com a ajuda dos outros, ou seja, no seu desenvolvimento potencial. Ensinar crianças com limitações não é uma tarefa muito fácil, porém sabemos que todos possuem individualidades, é por isso que o professor precisa ser mediador nesse processo, através de práticas educativas deve estar sempre buscando novas formas de ensino, para que a criança com Síndrome de Down tenha as mesmas oportunidades que as demais. Portanto vale salientar que o educando com SD se desenvolverá de forma particular, levando em consideração sua especificidade.

O RCNEI (1998) informa que:

Considerar que as crianças são diferentes entre si, implica propiciar uma educação baseada em condições de aprendizagem que respeitem suas necessidades e ritmos individuais, visando a ampliar e a enriquecer as capacidades de cada criança, considerando- as como pessoas singulares e com características próprias.

(BRASIL,1998, p.31)

Por isso[...] Aprender música significa integrar experiências que envolvem a vivência, a percepção e a reflexão, encaminhando-as para níveis cada vez mais elaborados. (Brasil.1998,p. 48).

Pois é por meio da música que o sujeito se expressa, deixa fluir a autoconhecimento e além de todos os benefícios citados também pode elevar a autoestima. Diante disso, fica claro que a experiência musical pode trazer diversos benefícios para o portador de SD, sejam eles profiláticos ou reabilitativos, ou seja, a

musicalização pode prevenir ou mesmo reintegrar o sujeito, tornando a aprendizagem mais significativa.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os procedimentos metodológicos conforme informado acima foram pautados em uma pesquisa qualitativa, baseada em pesquisa bibliográfica com os autores, Chizzotti, Nicolau, Mateiro e Ilari, Ferreira, Vygotsky, dentre outros, seguida de um estudo de caso desenvolvido com a aluna H, posteriormente uma entrevista com a psicopedagoga R. K, em uma escola localizada no município de Nossa Senhora do Socorro/Sergipe.

E para aprofundar ainda mais o estudo, foi entrevistada uma professora de música, em uma instituição filantrópica, também localizada no município de Nossa Senhora do Socorro, por questões éticas os nomes serão omitidos. Tanto a professora como a psicopedagoga utilizam-se da música como recurso para trabalhar com crianças especiais. Também buscou –se fazer a junção dos dados coletados das profissionais e associar a vivência de sala de aula.

Os questionários foram respondidos oralmente e por meio de escrita, onde as profissionais relataram suas experiências com educação especial e a utilização da música como recurso no processo de aprendizagem e interação dessas crianças em sala de aula.

Assim que os questionários foram respondidos e analisados seguindo o conceito de Ferreira (2002) e Vygotsky (1989), em relação a música como forma de desenvolvimento e interação social e humana, percebeu-se que o educador vai além de metodologias básicas para inserir o sujeito com SD ao meio, e uma das formas mais eficazes segundo a psicopedagoga e a professora de música, é a melodia.

Segue abaixo a transcrição da entrevista com a psicopedagoga:

P: Como você utiliza a música em sala de aula?

R: Utilizo a música cotidianamente, tanto como auxílio a aprendizagem como meio de harmonizar o ambiente. Também para introduzir e aperfeiçoar um conteúdo.

P.Você trabalha a música diariamente em sala como instrumento pedagógico?

Sim, a música é utilizada em sala para socialização e harmonização do ambiente escolar.

P. Na sua visão as crianças interagem mais em sala com a utilização da música?

Sim, pois a música estimula todos os sentidos, tornando assim as nossas crianças mais entusiasmadas para o conhecimento e amplamente dispostas a socializar a aprendizagem no seu dia a dia.

P. A música trabalhada em sala é planejada ou é feita de forma espontânea?

Sempre planejada, visando os conteúdos a serem desenvolvidos, tanto na área de português, matemática, como as ciências sociais e da natureza. Contudo pode acontecer alguma solicitação dos alunos de uma ampliação que necessite algo além do planejado.

P. Na sua opinião qual a importância da música para a educação especial?

Observa-se de forma concreta a música utilizada com as crianças especiais, sobretudo a que tem dificuldade para concentrar –se vem como um apoio muito eficaz, pois estimula a concentração, memorização e absorção dos conteúdos, além de socializa – los.

P. A música pode ser um meio facilitador? Como isso acontece?

Sim, é introduzindo a música que conseguimos tirar alguns estigmas de conteúdos ditos complicados, isso acontece de forma sutil por conta da música.

P. Por que é mais fácil uma criança com SD memorizar um conteúdo através da música?

Por que está diretamente relacionada a fatores emocionais e significativos na vida da criança. Além de trabalhar a ludicidade, isso é prazeroso para eles, assim percebo que a evolução do SD é significativa, e só é possível graças a música.

P. Você acredita que para trabalhar com a música em sala de aula é preciso ser graduado na área?

Não necessariamente, pois eu mesma não sou graduada em música, mas precisei desenvolver técnicas de ensino para poder trabalhar com minhas crianças, e umas das maneiras mais fáceis que encontrei foi a música, percebi que elas se soltavam

mais quando eu cantava, assim dei continuidade ao meu trabalho. Hoje percebo que para trabalhar com educação especial é preciso ser uma pessoa sensível que goste do que faz.

Segue abaixo a transcrição com a professora de música.

P. Como você utiliza a música em sala de aula?

R: Utilizo como ferramenta pedagógica e procuro trabalhar em sala através da percepção do aluno, pois é por meio da melodia que ele vem me pedir auxílio.

P. Você trabalha a música diariamente em sala como instrumento pedagógico?

R: Claro, não tem como trabalhar a música sem antes fazer uma análise, até por que um está ligado ao outro. Pois sabemos que partes da execução musical está ligada a parte pedagógica.

P. Na sua visão as crianças interagem mais em sala com a utilização da música?

R: Sim, os resultados são bem positivos. Até por que é através da música que muitos perdem o receio de se expressar.

P. A música trabalhada em sala é planejada ou é feita de forma espontânea?

R: Planejada. É por meio do planejamento que trabalhamos de forma que as aulas deem mais resultados, e se transforme em uma aula animada e prazerosa. Porém isso não significa que também não aconteça de forma espontânea, até por que vai fluindo naturalmente e eles vão interagindo. Mas o profissional tem que saber quais os objetivos deverão ser alcançados.

P. Na sua opinião qual a importância da música para a educação especial?

R: Não tenho dúvida de que a música é uma ferramenta de extrema importância para a aprendizagem, principalmente de crianças com alguma necessidade especial, já que eles muitas vezes tem dificuldade na forma de expressar-se, principalmente os que possuem deficiência intelectual, e a música melhora a capacidade cerebral desses alunos, por que trabalha a parte afetiva, e sendo assim, alcançamos objetivos específicos, como a melhoria da linguagem, coordenação, percepção, comunicação e entre outras coisas mais.

P. A música pode ser um meio facilitador? Como isso acontece?

R: Sim, ela é um meio facilitador e é reconhecida como recurso didático, pois cria formas simples para auxiliar na fixação de conteúdo, e isso acontece promovendo o desenvolvimento do sujeito.

P. Você acredita que para trabalhar com a música em sala de aula é preciso ser graduado na área?

R: Claro! Pois é necessário encaminhar de forma coerente a educação musical. Não é apenas ouvir a música por ouvir, tem que se saber em que momento e tempo aplicar esse recurso em sala.” Eu sigo a linha de pensamento de Silva e Zille (2015) o professor até pode conhecer seu alunado, mas se não tiver conhecimento da metodologia musical, nada poderá ser feito, pois ele é igual um mecânico que apesar de conhecer o mecanismo do carro não sabe conserta –lo, por que não domina as ferramentas e técnicas necessárias”.

Sintetizando os questionários aplicados com as profissionais, foi feita uma correlação dos dados obtidos com os pensamentos de alguns teóricos citados neste trabalho.

Questionadas como utilizam a música em sala de aula. A psicopedagoga, respondeu que utiliza a música cotidianamente, tanto como auxílio a aprendizagem como meio de harmonizar o ambiente. Também para introduzir e aperfeiçoar um conteúdo. Já a professora de música, falou que trabalha a musicalidade em sala, como ferramenta pedagógica e através da percepção do aluno, pois é por meio da melodia que ele vem pedir auxílio.

Sendo assim acredita-se que não existe meio mais facilitador de interação do aluno, se não por meio da melodia. Dalcroze 2001(apud Mateiro e Ilari et. al, 2011 p.29), afirmam que “o aluno passa a experimentar sensações físicas em relação a música, abrindo caminhos para a criatividade e a expressão.”

Logo em seguida continuei minha entrevista e fiz o seguinte questionamento as duas profissionais: Vocês trabalham a música diariamente em sala como instrumento pedagógico? Ambas responderam que sim, a psicopedagoga falou que a música é utilizada em sala para socialização e harmonização do ambiente escolar. A profissional de música, falou que não tem como trabalhar a música sem antes fazer uma análise pedagógica, até por que um está ligado ao outro.

Para o RCNEI, “a escuta musical deve estar integrada de maneira intencional às atividades cotidianas.” (BRASIL 1998. p.61)

Na sua visão, as crianças interagem mais em sala com a utilização da música? A professora de música foi bem enfática e falou que os resultados são bem positivos, até por que é através da música que muitos perdem o receio de se expressar. A outra resposta foi bem parecida, a psicopedagoga falou que a melodia estimula todos os sentidos, tornando assim as crianças mais entusiasmadas para o conhecimento e amplamente dispostas a socializar a aprendizagem no seu dia a dia.

A música “é uma das formas importantes de expressão humana, o que por si só justifica sua presença no contexto da educação, de um modo geral.” (BRASIL1998, p. 45)

Perguntei as duas profissionais se a música trabalhada em sala é planejada ou é feita de forma espontânea? A psicopedagoga respondeu que trabalham sempre de forma planejada, visando os conteúdos a serem desenvolvidos, tanto na área de português, matemática, como as ciências sociais e da natureza.

A professora de música informou que apesar de planejada também acontece de forma espontânea, até por que vai fluindo naturalmente e eles vão interagindo. Mas, o profissional tem que saber quais os objetivos deverão ser alcançados, pois dessa forma as aulas dão mais resultados, e se transforma em uma aula animada e prazerosa.

Essa visão é reforçada pelos Parâmetros Curriculares Nacionais quando afirmam que “a linguagem musical é excelente meio para o desenvolvimento da expressão, do equilíbrio, da autoestima e autoconhecimento, além de poderoso meio de integração social”. (BRASIL 1998 p. 49)

Também perguntei qual a importância da música para a educação especial? Para a psicopedagoga a música utilizada com as crianças especiais, sobretudo a que tem dificuldade para concentrar – se, vem como um apoio muito eficaz, pois estimula a concentração, memorização e absorção dos conteúdos, além de socializa – los. A professora de música deixou claro que a música melhora a capacidade cerebral desses alunos, também trabalha a parte afetiva, e sendo assim, o profissional alcança os objetivos específicos, como a melhoria da linguagem, coordenação, percepção, comunicação e entre outras coisas.

O RCNEI, em sua abordagem sobre música como forma de aprendizagem diz que ao cantar, as crianças imitam o que ouve, e dessa forma expressa condições para a construção de um repertório de informações, ou seja, eles comunicam-se por meio dessa linguagem (BRASIL ,1998)

Quando questionei se a música poderia ser um meio facilitador? Como isso acontece? A professora de música afirmou a melodia é um meio facilitador e é reconhecida como recurso didático, por que cria formas simplificadas para auxiliar na fixação de conteúdo, e através disso promove o desenvolvimento do sujeito.

A psicopedagoga também defende o uso da melodia em sala de aula, ela acredita que a música tira alguns estigmas de conteúdos ditos complicados. Ou seja, como a música é usada de forma lúdica, essa motiva e envolve mais os alunos, principalmente o SD, por ter pouca concentração.

Conforme GAINZA, 1998 (apud Ravagnani 2009) a musicalização tende a romper barreiras de todo tipo, e abrir canais de expressão e comunicação em nível psicofísico [...] promover modificações significativas na mente humana.

Por último questionei sobre a formação do profissional em sala de aula. Perguntei a psicopedagoga se ela acreditava que para trabalhar com a música em sala era preciso ser graduado na área? Ela prontamente me falou que não necessariamente. Palavras dela... “pois eu mesma não sou graduada em música, mas precisei desenvolver técnicas de ensino para poder trabalhar com minhas crianças, e umas das maneiras mais fáceis que encontrei foi a música, percebi que elas se soltavam mais quando eu cantava, assim dei continuidade ao meu trabalho”. Segundo a psicopedagoga, para trabalhar com educação especial é preciso ser uma pessoa sensível que goste do que faz, senão não existe método que consiga desenvolver uma aprendizagem significativa. Já a profissional graduada em música, falou que para trabalhar com música, o profissional deve ser graduado na área, segundo ela, é necessário encaminhar de forma coerente a educação musical, e que não é apenas ouvir a música por ouvir, tem que se saber em que momento e tempo aplicar esse recurso em sala. A profissional até parafraseou Silva e Zille (2015) dizendo que o professor até pode conhecer seu alunado, mas se não tiver conhecimento da metodologia musical, nada poderá ser feito, pois o professor é igual um mecânico que apesar de conhecer o mecanismo do carro não sabe conserta – lo, por que não domina as ferramentas e técnicas necessárias.

Mas o RCNEI, defende dizendo que o professor pode estimular a criação de pequenas canções, em geral estruturadas tendo por base a experiência musical que as crianças vêm acumulando. (BRASIL 1998. p. 59).

Diante dos relatos, acredito que mesmo não sendo qualificado na área musical, o pedagogo pode sim trabalhar com a musicalização, para o pleno desenvolvimento do educando, pois a música estimula a imaginação, e a construção de pensamento. Além de tornar o ambiente escolar mais alegre e prazeroso, já que o mesmo é considerado uma prisão.

Analisando os pensamentos das profissionais embasei com uma reflexão de Dalcroze 2001 (apud Mateiro e Ilari et. al, 2011.P. 30), a musicalização é uma forma de promover [...] benefícios psicológicos, emocionais, culturais, benefícios auditivo-educacionais. Portanto fica claro que a música é uma forma prazerosa que propicia o desenvolvimento e a aprendizagem humana.

Após a interpretação das entrevistas realizadas com as profissionais, fiz uma correlação com minhas vivências em sala de aula com uma aluna que tem Síndrome de Down.

Chamarei de H. Ela é uma criança muito ativa, mas que possui pouca concentração, quando H chegou à escola nada lhe interessava. Ela parecia viver em seu mundo, os brinquedos pouco lhe chamavam à atenção, as atividades pedagógicas, ela não conseguia ficar mais do que cinco minutos fazendo, era uma criança muito arredia apesar de serem consideradas crianças amáveis, foi quando em minhas leituras, a qual por coincidência estava folhear o livro que fala sobre educação musical, pude perceber que existem diversas formas de trabalhar com alunos excepcionais, então me apoiei no pensamento de Dalcroze 2001(apud Mateiro e Ilari et. al, 2011. P. 31), para dar continuidade a minha pesquisa. A autora fala que “o pedagogo propõe o rompimento da dicotomia corpo- mente, estabelecendo relações, entre estes dois através de uma educação musical baseada na audição e atuação do corpo”. Ou seja, o corpo fala, sente a vibração da melodia, sendo assim, comecei a utilizar esse recurso em sala de aula e por sinal surtiu muito efeito, ela começou a interagir com seus pares, a obedecer as regras a permanecer em sala de aula. Depois de alguns meses H, já associava alguns números a quantidades expostas, ela já reconhecia as vogais, e assim passou a fazer parte

realmente da sala como aluna ativa e participante, ela já interagia com seus pares mesmo que dentro dos seus padrões de limitações.



Fonte: Mãe de H.(05/09/2018)



Fonte: Valdineia(20/12/18)



Fonte: Valdineia (20/12/18)



Fonte: Valdineia (20/03/18)

A música realmente liberta o sujeito. Mateiro, Ilari (apud Dalcroze et. al, 2011. P.41), parte do princípio de que “os movimentos das criança, andar, correr, saltitar e balançar, expressam naturalmente elementos da música[...] o corpo passa a ser um meio[...] como estimulação motora”.

Essa vivência em sala de aula com H, me fez refletir sobre a prática no processo de ensino e aprendizagem de crianças especiais, de como conseguir atraí-los para uma aprendizagem significativa, e realmente para que eles possam ser considerados incluídos e não apenas inseridos.

Segundo Batista, (2006, p. 13), “aprender é uma ação humana criativa, individual heterogênea e regulada pelo sujeito da aprendizagem, independentemente de sua condição intelectual ser mais ou ser menos privilegiada.” Dessa forma percebemos que a aprendizagem está para todos os sujeitos, basta o educador buscar ferramentas para que isso aconteça.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A trajetória do presente estudo indicou que por meio da música o sujeito cria possibilidades de estar incluído na sociedade. O professor como mediador cria novas descobertas de inserir o sujeito ao meio. Uma das formas mais eficazes encontradas para este fim, é a música, pois é por meio dela que cria oportunidade para o pleno desenvolvimento do educando.

Fazendo uma análise de tudo que foi estudado, dos teóricos pesquisados para melhor compreensão da questão de pesquisa, pude comprovar que diante dos relatos das profissionais, associando a minha vivencia, o resultado foi extremamente significativo, apesar de ter surgido alguns empecilhos. Mas por fim aqui estou a relatar, e lhes garanto que consegui atingir as minhas expectativas, em relação ao desenvolvimento cognitivo da aluna com SD.

Ficou claro que todos tem capacidade e saberes diferenciados, para desenvolver esses saberes basta o educador incluir seu aluno, seja por meio da música ou de qualquer outro tipo de método. Por isso acredito que a musicalidade possibilita a comunicação nos mais diversos aspectos, desde o afetivo, estético como também o cognitivo, podendo fazer com que o sujeito interprete de forma simbólica o mundo.

Neste sentido fica claro que a música está presente no dia a dia do indivíduo, e que os profissionais devem estar aptos a trabalhar em sala com a musicalização, de forma onde não interfira na aprendizagem do educando.

E os professores devem fazer uma reflexão sobre o ensino da música nos espaços educacionais. Porque a música além de promover o desenvolvimento do sujeito, também é um recurso para o desenvolvimento do cérebro. Além de promover a formação social do educando.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. **Referencial Nacional para a Educação Infantil**. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998, vol.1-3.
- CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa Qualitativa em Ciências Humanas e Sociais: Evolução e Desafios**. Braga Portugal, 2003
- DALFOVO, Michael S.; LANA, Rogério A.; SILVEIRA, Amélia. **Métodos quantitativos e qualitativos: um resgate teórico**. Revista Interdisciplinar Científica Aplicada. Blumenau, 2008
- FERREIRA, Martins. **Como usar a música na sala de aula**. São Paulo: Contexto. 2002. 2ª ed.
- GIL, Antônio C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. - 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002
- MATEIRO, Teresa, ILARI, Beatriz. **Pedagogias em educação musical**.1. ed.- Curitiba: Xibpex. 2011.
- NICOLAU. Marieta. **A Educação Artística da criança**. – 5. ed.- São Paulo: Ática 1997.
- VYGOTSKY, LEV S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 3ª.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

SITES PESQUISADOS

ANAHI. Ravagnani. **A educação musical de crianças com Síndrome de Down em um contexto de interação social**. Curitiba, 2009.
Disponível em:
<http://www.acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/19801/DISSERTACAO.pdf?sequence=1> Acessado em novembro 2017, às 23 horas.

BATISTA, Cristina Abranches Mota. Educação inclusiva: atendimento educacional especializado para a deficiência mental. 2. ed. Brasília: MEC, SEESP, 2006. Disponível em:
<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/defmental.pdf>
Acessado em: 26 de março de 2018. Às 21 horas.

BRASIL. Constituição(1998). **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília, DF. Disponível: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm acesso em 15 outubro.2017.às 00:30.

CASTRO, ASA. and **PIMENTEL, SC.** **Síndrome de Down: desafios e perspectivas na inclusão escolar.** In: DÍAZ, F., et al., orgs. **Educação inclusiva, deficiência e contexto social: questões contemporâneas** [online]. Salvador: EDUFBA, 2009. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/rp6gk/pdf/diaz-9788523209285-28.pdf> Acesso às 22:00 dia 08/10/17

MANTOAN. Eglér. **Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer?** / — São Paulo: Moderna, 2003. Disponível em: http://www.def.unir.br/downloads1236_a_concepcao_de_professores_formados_em_educacao_fisica_quant.pdf Acesso em: 12/02/2018, às 23:00

SILVA. Lopes. **Zille.** Baêta. **Música e Educação.** Barbacena EdUEMG. 2015. Disponível em: <http://grupocanelafina.com.br/wp-content/uploads/2017/05/LOURO-2015-Educa%C3%A7%C3%A3o-Musical-Inclusiva.pdf> Acesso: 15/03/18. Às 23:30

SOLANGE. Menin. Rogalski. **Revista de Educação do Ideau.** Vol. 5.- ed.12. RS. 2010. Disponível em: www.ideau.com.br/getulio/restrito/upload/revistasartigos/168_1.pdf

Acesso: 08/10/17. Às 00: 50.